

A cruel economia do conhecimento

JERSON LIMA SILVA

Desde janeiro de 2015, a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj) também tem sentido o efeito da crise econômica e fiscal do estado com a queda de arrecadação do ICMS e atrasos nos repasses de recursos. O Conselho Superior e a diretoria da instituição têm procurado atenuar esses efeitos. Entretanto, algumas ações não podem esperar, como a recente formação da maior rede brasileira de pesquisa em zika, chikungunha e dengue, constituída por 379 grupos, reunindo mais de mil pesquisadores fluminenses.

A filantropia americana Woodard Lasker (1901-1994) afirmava: "Se você pensa que pesquisa é cara; experimente a doença". Não há frase mais atual do que esta diante da epidemia de zika no país. Epidemias e outros desafios chegam sem avisar e precisam encontrar a ciência e a tecnologia nacionais bem estruturadas para combatê-los, vide o exemplo de investimentos que o governo de Barack Obama, nos EUA, pretende fazer no campo da pesquisa em zika, ao solicitar autorização do Congresso para liberar US\$ 1,8 bilhão (cerca de R\$ 7,2 bilhões), o equivalente a 20 vezes o orçamento atual da Faperj.

Na contramão dessa ação está uma proposta de redução de 50% no orçamento atual da Faperj, enviada à Alerj pelo governo do estado. Caso este corte se concretize, haverá uma paralisação histórica nas ações da fundação. Hoje, os cen-

tros de pesquisa do Rio de Janeiro são líderes nacionais e internacionais em várias áreas, como nanotecnologia, pesquisa de energias renováveis, estudos de dependência química, estudos de doenças degenerativas e câncer, pesquisa com células-tronco, pesquisa em doenças infecciosas e antropologia, entre outros.

Na década de 1990, o Estado do Rio viveu um grande retrocesso nas universidades e institutos de pesquisa. As dezenas de instituições viram seus orçamentos diminuir a ponto de algumas fecharem e outras perderem seus melhores quadros, que partiram para outros estados e países. Nos últimos dez anos, essa situação foi re-

A filantropia americana Woodard Lasker (1901-1994) afirmava: 'Se você pensa que pesquisa é cara, experimente a doença'

vertida em grande parte devido aos investimentos da Faperj, especialmente quando, em 2007, o governo estadual passou a destinar 2% da receita líquida para Ciência, Tecnologia e Inovação, conforme a Constituição estadual.

Os resultados apareceram prontamente:

1 — Quatro universidades públicas fluminenses estão entre as 20 melhores em ranking nacional, sendo a UFRJ a segunda colocada;

2 — a produção por instituição do estado aumentou mais de 70% entre 2006 e 2014;

3 — o estado teve um crescimento no número de pós-graduação de excelência, alcançando 22% dos programas mais bem avaliados no país;

4 — as três universidades estaduais (Uerj, Uenf e Uezo) tiveram aumento de produção;

5 — instituições estaduais como o Instituto Vital Brasil, a Faetec e o Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer têm tido recursos que foram cruciais para alavancar suas pesquisas;

6 — o Estado do Rio tem liderança na pesquisa biomédica e de biotecnologia, especialmente em dengue e em doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, respondendo por 33% da produção de artigos inéditos no país;

7 — 19 centros de pesquisa de empresas internacionais como General Electric e a L'Oreal foram atraídos para cá;

8 — o estado criou programas de estímulo à inovação, como Startup Rio, e parcerias com empresas como Peugeot, Vale e rede D'Or;

9 — a pesquisa fluminense é reconhecida internacionalmente, com destaque para vários cientistas, sendo um bom exemplo a outorga da Medalha Fields, o Prêmio Nobel da Matemática, a Artur Ávila, o primeiro brasileiro a recebê-la.

Executivo, Legislativo, Judiciário, empresários, pesquisadores e toda a sociedade devem abrir amplo debate sobre esta proposta de corte orçamentário de 50% da Faperj. Será que este é o melhor remédio para a crise do estado ou preferimos correr o risco de matar o doente? ●

Jerson Lima Silva é diretor científico da Faperj